

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Uma história de pioneirismo: as entrevistas de Simão Willemann e a constituição de um arquivo de fontes orais em Santa Catarina.

KARLA SIMONE WILLEMANN SCHÜTZ*

Este trabalho, pequeno recorte do Trabalho de Conclusão de Curso denominado *As entrevistas de Simão Willemann: História oral, memória e ofício de professor no interior de Santa Catarina*, tenta trazer à tona algumas questões relacionadas à chegada da história oral em território brasileiro na década de 1970. Para tanto, parte-se da disseminação da história oral em escala nacional até chegarmos especificamente à Santa Catarina, onde foram concentrados os esforços da pesquisa que teve como intuito analisar as características e motivações que fizeram da Universidade Federal de Santa Catarina uma das primeiras instituições no Brasil a utilizar a história oral como método e fonte de pesquisa em história. Essa análise, então, tomou como objetos principais um manual de história oral produzido pela própria Universidade e algumas entrevistas recolhidas por um historiador catarinense, que naquele momento (década de 1970) era aluno do Programa de Pós-Graduação em História desta mesma instituição.

O autor destas entrevistas é Simão Willemann, historiador nascido na cidade de Rio Fortuna, interior de Santa Catarina, no ano de 1938, o qual teve sua infância marcada pela vida no meio rural em uma região onde predominou a colonização alemã, fato que reverbera diretamente em seus interesses como pesquisador. Durante sua pesquisa, Willemann realizou 13 entrevistas com idosos da região do vale do Rio Braço do Norte, que estudaram nas pequenas escolas isoladas de colonização alemã. São mais de 500 páginas transcritas - já amareladas pelo tempo - e muitas horas de gravação que por fim não foram por ele utilizadas. O historiador não pôde se tornar mestre, pois ao entrar na pós-graduação, não conseguiu liberação do cargo de diretor para prosseguir com seus estudos. As entrevistas transcritas foram guardadas em seu

* Graduada e Licenciada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

acervo pessoal e retomadas anos mais tarde por sua neta, que nesta pesquisa então intenciona desvelar alguns aspectos destas importantes fontes para nós, historiadores do presente¹.

Neste sentido, será necessário trabalhar com diferentes temporalidades, analisando os vestígios que permitem pensar a reverberação da História oral em terras brasileiras a partir de meados da década de 1970.

História oral: Brasil e Santa Catarina.

No Brasil, foi durante a década de 1970 que a história oral deu seus primeiros passos - vale lembrar que ela acompanha o processo de renovação dos métodos de pesquisa dentro da história que buscam novas formas de se investigar temas da história mais recente -, mas foi somente a partir dos anos 90 que passou a ser verdadeiramente reconhecida como campo de pesquisa historiográfica, tal reconhecimento se deu, principalmente, em 1994 com a criação da Associação Brasileira de História Oral. Foi a partir desse momento que se avolumou a discussão e a teorização acerca do tema, bem como passaram a ser organizados eventos onde a História Oral é o tópico central. Os temas de pesquisa também se ampliaram, saindo do círculo do que chamamos “minorias” - descendentes de colonizadores, afro-descendentes, mulheres, etc -e as camadas populares que nunca tiveram voz dentro da historiografia tradicional. Os pesquisadores voltaram seu olhar para objetos pouco comuns a história oral, como a história de instituições e movimentos militares, intelectuais e burocratas (AMADO; FERREIRA, 2006).

A história oral parece ter conquistado definitivamente seu espaço, contando com uma associação (Associação Brasileira de História Oral) e com eventos com ampla participação dos pesquisadores interessados na temática. Aqui cabe salientar a importância do livro organizado por Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, *Usos e Abusos da História Oral*. Publicado em 1996, adquiriu relevância para o desenvolvimento de questionamentos e propostas em relação ao método e a teoria da história oral. Nesse mesmo sentido, cabe citar ainda Verena Alberti, seu *Manual de História Oral*, lançado em 1990 em comemoração ao aniversário de 15 anos do

¹ Cabe ressaltar que no momento de tessitura deste trabalho apenas as transcrições estavam disponíveis, mas, após pesquisa mais minuciosa sete entrevistas em fitas K7 foram encontradas no acervo pessoal de Willemann.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

CPDOC, é até hoje consulta quase obrigatória aos que se lançam em uma pesquisa historiográfica que envolva a tessitura e utilização de entrevistas como fontes. É importante ressaltar que este manual é resultado dos cerca de 15 anos de trabalho que Verena realizou e ainda realiza no CPDOC (CAMARGO, 2002).

São variadas as concepções que podem ser atribuídas a História oral, estas se devem, sobretudo, ao seu caráter multidisciplinar². Diversas áreas das ciências humanas como antropologia e ciências sociais empregam o uso de entrevistas em suas pesquisas, por vezes não aplicando a história oral como metodologia, mas primando, entre outras coisas, pelo registro de depoimentos orais e pela valorização da subjetividade, de modo bem semelhante ao trabalho realizado pelos historiadores. No entanto, apesar dessas múltiplas acepções, é mais comum denominá-la como uma metodologia, pensando

as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como ponte entre teoria e prática. (FERREIRA, 2012: 170).

Essa visão é, inclusive, partilhada pelas três autoras aqui já citadas. Que como coloca Aspásia Camargo dá ao historiador

a possibilidade de reconstituir a História através de suas múltiplas versões; captar a lógica e o resultado da ação através de seu significado expresso na linguagem do ator; ou seja, desvendar o jogo complexo das ideologias com a ajuda dos instrumentos que nos são oferecidos pela própria ideologia. (CAMARGO, 2002: p.13)

Nesse caso, quando ela utiliza a palavra ideologia, está se referindo mais especificamente à história política, pois o CPDOC, instituição à qual Camargo, e também Verena Alberti são vinculadas, volta grande maioria de suas pesquisas ao recolhimento de depoimentos de pessoas ligadas a movimentos políticos e às elites, campos que durante muito tempo foram renegados pela história oral. Atualmente, o acervo do CPDOC conta também com entrevistas relacionadas à história de instituições estatais e de ensino. Tais entrevistas, quando passam a integrar o acervo,

² Existem basicamente três formas de se classificar a História oral: alguns preferem defini-la como uma metodologia, outros como técnica, e ainda, mais recentemente, como uma teoria específica.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

transformam-se em fontes de pesquisa. Essa transitoriedade, como se pode ver, constitui-se um desafio teórico-metodológico à história oral, que precisa constantemente questionar seus métodos e definições, pois são muitas as suas facetas.

Na opinião de Ferreira e Amado (2006), a história oral não tem a capacidade, sozinha, de solucionar questões que surgem dentro da história, mas sim, o poder de suscitar novas questões para esta mesma história; isso não tiraria dela, no entanto, o mérito de ser hoje um campo importante dentro da historiografia. A fonte oral tem uma característica essencialmente interdisciplinar. Para sua problematização e interpretação, precisa estar aliada a disciplinas como sociologia, antropologia, psicologia e, até mesmo, a teoria da história, pois trabalha com a memória viva, com os desdobramentos da própria relação de intimidade que se estabelece entre entrevistador e entrevistado (CAMARGO, 2002). São essas outras disciplinas, aliadas da história, que oferecem as ferramentas necessárias à elaboração de novas perguntas relacionadas a fatos já estabelecidos dentro do campo historiográfico ou a questões nunca antes tratadas. Como exemplo de perguntas que podem ser provocadas, podemos citar: por que a negação de determinado entrevistado em responder certa pergunta? Por que as várias versões de algum fato dentro de uma mesma comunidade? Essas observações podem nos levar além da história já escrita, das versões que já estão dadas.

Uma última questão teórico-metodológica é importante para o presente trabalho: o que define uma fonte oral? Para pensar essa questão podemos mobilizar dois historiadores teóricos do tempo presente: Robert Frank (1999) e Danièle Voldman (2006). Para Frank, “A tendência hoje é preferir a expressão fontes orais” (FRANK, 1999: 105), fugindo da pretensão totalizadora presente na palavra “história”, idéia que pode sugerir uma metodologia que coloca o oral à frente de outras fontes, hierarquizando-as. A fonte oral é perfeitamente acessível ao historiador do contemporâneo, o qual pode obter facilmente, e sem muito alarde, o acesso à fala dos envolvidos no evento histórico estudado, realizando entrevistas ou tendo acesso a depoimentos conseguidos por outros pesquisadores. Vamos nos ater a esse último caso.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

A fonte oral pode ser entendida como material gravado por um pesquisador atendendo às necessidades de sua pesquisa, em função de finalidades e conjecturas particulares, quando parte integrante de um acervo, segundo Voldman (2006), se torna “arquivo oral”, ou seja,

seria um documento sonoro, gravado por um pesquisador, arquivista, historiador, etnólogo ou sociólogo, sem dúvida em função de um assunto preciso, mas cuja guarda numa instituição destinada a preservar vestígios dos tempos passados para os historiadores do futuro tenha sido, logo de início, seu destino natural (VOLDMAN, 2006: 36).

A discussão que tange os arquivos orais é de suma importância, já que as fontes aqui problematizadas advêm do acervo particular de um historiador, Simão Willemann, conforme será abordado adiante. Entende-se que tais fontes, produzidas em contextos adversos e com objetivos muito diferentes dos aqui propostos, constituem uma possibilidade interessante para a historiografia do tempo presente, possibilitando pensar a trajetória da metodologia, ou seja, a “história da história oral”.

Dentro de um processo que crescia em meados do século XX que incitava o surgimento de instituições que voltaram seus esforços para a constituição de programas de história oral, podemos incluir a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC –, que em 1975 fundava o seu Laboratório de História Oral. Neste mesmo ano era fundado o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Mas um fato em particular faz da UFSC pioneira em escala nacional: a instituição no ano de 1974 de uma disciplina denominada “Técnicas da História Oral”, no programa de pós-graduação em história, tal cadeira na época ministrada por um professor norte americano, Dr. George P. Browne³. Seu objetivo naquele momento foi ajudar no processo de implantação dessa metodologia, bem como auxiliar na constituição de um acervo que abrigaria a produção advinda desse procedimento. A escolha de um estadunidense é quase óbvia, dado o *status* de pioneirismo dos EUA, que já em 1948, ano em que foi criado o gravador de fita

³Além de contribuir na elaboração do programa de história oral da UFSC, Browne publicou livros relacionados à história do Brasil. Pertenceu ao corpo de professores da Universidade Federal de Santa Catarina até meados de 1980 (a partir desta data não foram mais encontrados trabalhos por ele orientados).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

magnética, iniciaram um processo de gravação e arquivamento de entrevistas com personagens relacionados à história de seu país.

Este empreendimento estadunidense propagado pela Universidade de Columbia, marcadamente voltado ao estudo das elites políticas, teve como seu objetivo principal o armazenamento de depoimentos, pensando nos pesquisadores vindouros. Estes homens preocupavam-se com a “fabricação” de fontes, visando contribuir com a produção historiográfica no futuro, que poderia ser prejudicada caso estas (fontes orais) não existissem, pois não haveria fontes suficientes, dada as transformações culturais e tecnológicas que ocorriam na sociedade. Essa questão perpassará claramente pela implantação do Laboratório de História Oral em Santa Catarina. Coordenado pelo professor Walter Fernando Piazza⁴, conhecido historiador catarinense, o projeto inicialmente só aceitava trabalhos de pesquisa apresentados por alunos de Pós-Graduação da UFSC, pois a metodologia era tratada com extremo rigor, e na visão daqueles profissionais faltaria experiência e habilidade aos alunos da graduação (CORRÊA, 1978).

Em relação à bibliografia do período, pode-se citar o manual produzido por Carlos Humberto Pederneiras Corrêa⁵, falecido em 2010, quando então era presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Denominado *História Oral: Teoria e Técnica* este manual foi a dissertação de mestrado em história defendida por Corrêa em 1977, a qual foi transformada em livro em 1978. A dissertação, então nomeada *O Documento de história oral como fonte histórica: uma experiência brasileira* foi orientada por Walter Piazza.

O Manual constitui importante indício dos anseios e prerrogativas da empreitada do Departamento de História da UFSC. Nele aparecem desde um pequeno histórico da história oral no mundo, bem como, de que maneira e por que ela (história oral) chegou até a Universidade Federal de Santa Catarina. Como citado anteriormente, havia uma política muito rígida em

⁴Professor Doutor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina e membro da Academia Catarinense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Com inúmeras publicações é considerado especialista em história catarinense, e um dos grandes nomes dentro deste campo.

⁵Foi professor na Universidade Federal de Santa Catarina e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Catarinense até 2010, data de seu falecimento. Seus trabalhos, além da história oral, se voltaram também para a história política e econômica catarinense.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

relação à produção destes “documentos orais” que integrariam o acervo do Laboratório de História Oral. Tal posicionamento está claramente manifestado nas palavras de Carlos Humberto Corrêa (1978) em seu Manual.

Achamos preferível não realizar uma entrevista que irá se transformar em uma má fonte histórica, irreal e deturpada, do que a realizar simplesmente para impedir que ele se acabe em definitivo com a morte do informante. É preferível que, no futuro, não se tenha noção histórica deste nosso presente ou do nosso passado recente, informação através do documento de História Oral mal elaborada, do que tê-lo deturpado (CORRÊA, 1978:80).

Neste pequeno trecho podemos perceber que se criava um estatuto de veracidade, uma busca por criar uma “fonte ideal” capaz de expressar a realidade. Nesta concepção, uma fonte mal elaborada seria sinônimo de uma visão histórica que poderia ser futuramente deturpada. Por este motivo, graduandos não estavam habilitados para a produção destes documentos, à eles não era aconselhado o trabalho com história oral. Apesar das transformações produzidas dentro da historiografia, ainda era difícil se livrar dos resquícios de uma visão positivista da história. Podemos analisar esta questão à luz de discussões muito atuais que nos mostram que a ideia de veracidade da fonte e até mesmo da história, não está encerrada lá no fim da década de 1970, pois, ainda é um ponto importante dentro da historiografia.

Mas qual a prerrogativa em plena década de 1970 para a constituição de um centro de documentação que abrigasse somente fontes orais? Como o CPDOC, no princípio era o recolhimento de depoimentos relacionados à história política e regional, no caso da UFSC, obviamente relacionados ao estado de Santa Catarina. A inexistência de documentação escrita referente ao que Corrêa indica como “período republicano brasileiro” (1978: 20), é apontada como uma das razões. Essa ausência se daria, sobretudo, por não haver arquivos públicos que propiciassem esta consulta. Quando estes existiam, o problema estaria na sua má organização. Este motivo tornava então “urgente a necessidade da obtenção de outros tipos de fonte, como é a da História Oral.”(CORRÊA, 1978:11). Cabe salientar que os arquivos públicos passam a ser centro de atenção de muitos profissionais ligados à arquivística em Santa Catarina a partir da



década de 80. Como nos mostra Janice Gonçalves, Walter Fernando Piazza que esteve presente no primeiro encontro de arquivos catarinenses em 1984,

deu-se a ver como pesquisador que conhecia ‘o valor dos arquivos’, como ‘fruto de mais trinta anos de pesquisa histórica ininterrupta, no desejo de melhor conhecer a História de Santa Catarina’, como resultado de ‘suas andanças, em busca das raízes do povo catarinense’. Para comprová-lo, destacou, em sua fala, conjuntos documentais no seu entender significativos, existentes em instituições brasileiras de vários estados, bem como em instituições existentes no exterior (em especial, em Portugal e nos EUA).(GONÇALVES, 2006:154).

Desta forma, é possível perceber interesses que convergem. Walter Fernando Piazza participou de ambas as empreitadas, a formação do arquivo de fontes orais na UFSC e a constituição do Arquivo Público em Santa Catarina. Segundo Gonçalves (2006), depois da saída de cena de Piazza em 1994, nenhum outro historiador teve tanto envolvimento neste tipo de projeto.

Voltando ao Manual, também está colocado outro motivo pelo qual o desenvolvimento destas fontes era considerado de suma importância: “se nos dermos ao trabalho de aquilatar quão pobre é a Historiografia brasileira – e, por extensão, dos países novos e em desenvolvimento-, sentir-se-á quão valioso é o testemunho oral, cientificamente coletado e tecnicamente registrado, catalogado e utilizado.” (PIAZZA, 1978: 9). No entanto, apesar da tentativa de romper com o estatuto do “documento histórico oficial”, como já levantado anteriormente, o rigor científico é novamente perceptível dentro das palavras destes historiadores. A concepção de história que parece atravessar tais falas é marcada pela necessidade de instituir as pretensões científicas da história oral, ressaltando que os depoimentos seriam “cientificamente registrados”, “tecnicamente registrados”, enfatizando a preocupação com a técnica que garantiria a construção de fontes “reais”. Com isso não se pretende afirmar que atualmente tal “técnica” não seja importante, contudo a preocupação atual parece atuar mais no sentido de problematizar a subjetividade do entrevistado, possibilitando que elementos “irreais” e “deturpados” sejam entendidos como dados a serem analisados pelo pesquisador. Assim, as expectativas em relação a essas fontes são outras, o desejo é ver além do documento, problematizar a construção da memória e, então, tentar encontrar os resquícios de uma história.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

No Manual ainda constam observações interessantes sobre a aplicação do que os autores chamavam de “técnica” de história oral. Procedimento este, que em 1978 era ainda muito recente em território brasileiro e, portanto, ainda provocava muito receio em acadêmicos mais conservadores pela sua intencionalidade. Por ser uma fonte “provocada” e pensada mirando o amanhã, diferentemente do documento tradicional que seria hipoteticamente produzido de forma desinteressada em relação ao futuro, a fonte oral ainda era uma ousadia. A ressalva de Corrêa está no que se pode ganhar “através de entrevistas com pessoas que, normalmente, não teriam condições de deixar escrito o testemunho de suas experiências ou vivências em acontecimentos importantes da vida regional ou mesmo nacional” (CORRÊA, 1978:11). O pesquisador propõe então uma renovação da técnica estrangeira que deveria ser adaptada à realidade brasileira, mas novamente, alerta para o cuidado com a deturpação que uma má utilização dessa técnica pode gerar e, sendo a consequência a perda definitiva de “memórias valiosas para a História do Brasil” (CORRÊA, 1978: 11).

Em defesa da fonte oral, o Manual se aproxima das concepções atuais, ou melhor, nos mostra as permanências dentro da discussão que se originou nessa época. Como, por exemplo, o que pode ser considerado uma fonte histórica, questão que está ligada a uma seleção e eleição realizada pelos próprios historiadores. A fonte oral, apesar de sua produção contemporânea, acaba reservando também ao futuro a decisão de transformá-la ou não em fonte histórica. Como qualquer outra fonte, sujeita a uma escolha do historiador, ela se coloca como uma “fonte histórica em potencial”. Dentro da aplicação desta técnica está então colocado um “dever de memória” (NORA, 1993: 17). O arquivo é nesse sentido um lugar de memória nascido do sentimento que não existe memória espontânea (NORA, 1993), como consequência é preciso catalogar, guardar pensando na história que ainda será escrita. É o medo de que se percam informações importantes para o futuro. Junto com este anseio, está a necessidade de preencher espaços vazios da história causados pelas mudanças tecnológicas e nos hábitos. Cada vez menos as pessoas escrevem suas memórias.

Cabe a História Oral preencher esta lacuna. Cabe ao historiador oral obter memórias de pessoas vivas que sirvam de documento para o futuro; documentos que, em forma de

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

memórias, se não forem extraídos rapidamente, se perderão definitivamente, pois, no nosso caso brasileiro, ou mesmo latino americano, o homem não é dado à escrever suas próprias memórias.(CORRÊA, 1978: 15)

Como vemos, Santa Catarina inspirou-se no modelo norte-americano para pensar a criação do pioneiro Laboratório de História Oral da UFSC. Seu programa de história propiciou, a muitos pós-graduandos, novos campos de pesquisa e novas possibilidades, exemplificados no caso de Simão Willemann. Além disso, estes homens aqui representados por Corrêa e Piazza, miravam o futuro e os outros historiadores que estavam por vir, e que poderiam valer-se de tais fontes em seus estudos, como é o caso do presente trabalho.

As entrevistas do historiador Willemann

Traçar um pouco da história da história oral no Brasil e em Santa Catarina torna-se necessário para tratar de um dos objetos deste artigo: as treze entrevistas realizadas pelo historiador Simão Willemann durante os anos de 1977 e 1978. Tais entrevistas se colocam dentro dos pressupostos e das técnicas sugeridas pelo manual de Carlos Humberto Corrêa e servirão para discutir alguns outros pontos presentes nele, como a questão da transcrição, dos contratos de doação e da ética em relação à história oral. A trajetória de Simão é de grande relevância para se tratar destes e outros temas. Entender como se realizou o processo de produção destas entrevistas obtidas por ele é uma das intenções deste estudo. Para tanto foi realizada uma entrevista com o historiador seguindo as diretrizes atuais da metodologia da história oral.

Simão Willemann está hoje com 74 anos e concordou em responder as perguntas. Nesta perspectiva, foi elaborado um questionário, com cerca de 10 questões. Primeiramente, foi perguntada a ele qual a motivação principal para a confecção do trabalho. Como resposta, obteve-se um pequeno histórico das escolas alemãs que constituem o tema principal abordado nas entrevistas. Demonstrando o quanto ele sabia sobre o tema, e até mesmo o quanto tinha afinidade com ele, o entrevistado não titubeou quando disse:

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

O motivo principal na escolha do assunto... que houve na época da colonização alemã, todas as escolas que existiam, escolas primárias trabalhavam professores que eram pagos pelos pais dos alunos, tinham muito pouco auxílio do governo e havia um sistema de educação bastante rígido, mas os pais se interessavam por essa educação os filhos tinham que ir pra escola aprender a ler e a escrever e além disso receber uma boa formação, então pra levantar esse assunto era necessário fazer entrevistas, então entrou na história da história oral.

A partir dessa fala podemos também fazer outra conexão com o Manual de Corrêa: a questão da ausência de fontes. Daí a necessidade de utilização das entrevistas e, ainda o fato de que em seu livro ele menciona que “a história oral funciona principalmente quando são tratados assuntos regionais e contemporâneos”. Tal assunto era contemporâneo de Willemann, mas se trata, sobretudo, de uma questão “regional” (CORRÊA, 1978:17), característica que aparece já no título da pesquisa que empreendia o historiador: *A educação da escola alemã no Vale do Braço do Norte*. Este é um ponto importante, pois dentro das diretrizes que marcam o período inicial do Centro de Documentação do Laboratório de História Oral na UFSC, o foco principal dos documentos orais seria a colonização estrangeira e a política dentro dos municípios (CORRÊA, 1978). O trabalho de Simão se encaixa perfeitamente dentro dos programas desenvolvidos que previam “recolher material virgem para ser utilizado posteriormente” (CORRÊA, 1978: 16), voltado à colonização estrangeira. Cabe salientar que Walter Piazza era orientador da investigação.

Infelizmente, Willemann não conseguiu concluir seu mestrado, e apesar das tentativas, não foi possível localizar seu projeto de pesquisa, o qual ajudaria a elucidar algumas questões pendentes. O entrevistado era diretor de uma escola pública e não conseguiu, portanto, conciliar os estudos de mestrado e o emprego, pois vivia na cidade de Rio Fortuna, distante cerca de 200 quilômetros da capital Florianópolis, para onde teria que se deslocar com frequência. Devido ao longo tempo passado desde o início dos trabalhos de pesquisa - se passaram 37 anos -, juntamente com a sensação de frustração devido à impossibilidade de sua conclusão, muitas das questões que estavam envolvidas foram esquecidas pelo entrevistado. Não há lembranças sobre a bibliografia na época utilizada e sobre outros professores que trabalharam com a metodologia. Porém ele

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

recorda que outros colegas do programa de pós-graduação também utilizavam a técnica de história oral em suas investigações. Contudo, analisando as próprias fontes produzidas por Willemann, podemos problematizar aspectos importantes ligados ao processo de realização das entrevistas, como o caso das transcrições, ponto profundamente ligado à implantação de um Centro de Documentação, como intencionava a UFSC.

A esse respeito, Corrêa prevê várias fases. A primeira seria a passagem de todas as palavras para o papel, alguns transcritores preferindo fazê-lo primeiro manualmente e outros diretamente na máquina datilográfica, não se preocupando assim com a “limpeza do texto” fase que viria a seguir e, que preveria organizar o texto pontuando corretamente e corrigindo possíveis erros ortográficos produzidos durante a entrevista. Durante essa segunda fase, o transcritor ainda deveria utilizar a audição da fita cassete, fazendo sempre um trabalho de correção. “Pois só assim se consegue dar, em forma gramatical, o sentido de cada frase para a formação correta do pensamento do entrevistado e do entrevistador” (CORRÊA, 1978: 61). E, desta forma, atingia-se o objetivo do processo: não deturpar o texto preservando suas características originais. (CORRÊA, 1978: 62).

Após todos esses passos, a versão final estaria pronta para receber as assinaturas e rubricas do entrevistado, bem como a encadernação, essencial ao seu arquivamento. Além da encadernação, existe um elemento que demonstra todo o pragmatismo implícito no processo, a existência obrigatória de um índice onomástico e de assuntos. Ambos encontramos nas transcrições efetivamente concretizadas por Simão Willemann.

O objetivo da história oral dentro do processo de instituição de um arquivo, fica então bem claro: “preparar documentos gravados e transcritos para serem utilizados pelos pesquisadores do futuro”. (CORRÊA, 1978: 15). Podemos ir mais a fundo na questão da organização de um arquivo de fontes orais no período. No Capítulo V do Manual, Carlos Humberto Corrêa adentra nos temas: arquivamento, legislação e ética, ponto que causou algumas dificuldades para a utilização destas entrevistas na atualidade, conforme será discutido com mais vagar logo à frente. Primeiramente, Corrêa aborda a questão dos arquivos, onde a condição de utilização dos documentos depende, obviamente, de sua organização, mais também da divulgação

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

de sua existência através da publicação periódica de “Catálogos de Entrevistas”, que deveriam ser produzidos pela instituição administradora e que teriam como objetivo facilitar a consulta dos futuros pesquisadores.⁶ As fitas cassete também são motivo de atenção, pois são elas os “documentos originais”, que comprovam a veracidade da transcrição⁷. Devido a sua sensibilidade, suas condições de uso devem ser mais restritas. Bem como é recomendada a cópia deste documento que, de alguma forma, pode ser danificado por descargas elétricas e grandes variações de temperatura. Esse cuidado no armazenamento do documento de história oral, o suporte auditivo ou audiovisual, ainda é uma preocupação atual. Mas a essa questão soma-se outra, os inúmeros suportes que podem gravar este documento, e a rapidez com que estes se tornam obsoletos devido à modernização constante das tecnologias. Além do cuidado no armazenamento, é preciso estar atento ao advento dessas novas tecnologias para que elas não sejam o motivo da perda dessas fontes orais. (ALBERTI, 2002).

Em relação aos contratos de doação, utilizaremos como exemplo o documento elaborado por Simão Willemann, que foge um pouco dos moldes sugeridos pelo pesquisador da UFSC, mas que mantém grande parte das indicações apresentadas:

CONTRATO DE DOAÇÃO

Eu [nome], [nacionalidade], [estado civil], [profissão] e domiciliado na cidade de [nome da cidade], Estado de Santa Catarina, venho por meio deste doar ao Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, para seu uso e administração, todos os meus direitos de posse e interesse, com exceção a baixo indicada, as gravações e transcrições da entrevista, feita em minha residência, na cidade de [nome], na data de [...], com o entrevistador, [...].

A doação desses materiais está sujeita a seguinte condição: aqueles que tiverem acesso a transcrição da entrevista, poderão escutar a gravação somente para sua informação, não podendo parafraseá-la ou citá-la direta ou indiretamente.

⁶O programa previa a elaboração de vários catálogos, mas somente foi encontrado na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina um exemplar destes. O responsável por sua organização é também Carlos Humberto Correa.

⁷Existem até hoje alguns debates sobre qual seria o “verdadeiro” documento no caso da história oral, o arquivo em áudio ou sua versão transcrita. No entanto, prevalece a sua versão em áudio, já que a transcrição surge mais como um instrumento que auxilia a leitura deste documento.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Como citado anteriormente, este modelo de contrato trouxe algumas dificuldades para a utilização das entrevistas, pois não permite que elas sejam parafraseadas ou citadas, podendo ser utilizadas somente a título de informação. Claro que isto é a representação do respeito às declarações fornecidas pelos entrevistados em um momento em que esta metodologia era ainda muito recente em território brasileiro e tentava afirmar-se na academia. No entanto, esse contrato parece ir de encontro ao desejo de disponibilizar estes objetos a pesquisadores futuros. Pois tal acordo impossibilita o uso da fonte da forma que utilizamos atualmente. Para tanto, uma das tarefas da pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso foi localizar familiares dos entrevistados selecionados, já que os cedentes de todas as entrevistas são falecidos, e conseguir novas autorizações que preveem citações e a disponibilização das mesmas integralmente. A nova carta de sessão foi configurada da seguinte maneira:

Termo de Cessão de Entrevista

Eu, [nome], [nacionalidade], [estado civil], portador(a) da carteira de identidade n°.[] , declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos da entrevista cedida por meu pai [nome] à Simão Willemann em [data], gravada, transcrita e autorizada para leitura e inclusão no Trabalho de Conclusão de Curso de Karla Simone Willemann Schütz, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), nomeado: As entrevistas de Simão Willemann: História Oral, Memória e o Ofício de Professor no interior de Santa Catarina (1977-1978). Podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso da gravação a terceiros, ficando vinculado o controle do Laboratório de Patrimônio Cultural - UDESC.

E deste modo cumpre-se um dos principais anseios destes pioneiros catarinenses: a utilização destes documentos orais por outrem, não os limitando a pesquisa de origem.

Considerações finais

Essas entrevistas, depois de tudo que foi elucidado, tornam-se instrumentos importantes para pensar toda a trajetória da história oral no Brasil, especialmente em Santa Catarina, mostrando as inúmeras mutações sofridas pela metodologia ao longo dessas décadas. A análise

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

proposta neste trabalho buscou apontar as motivações para a realização de um trabalho que utiliza as memórias registradas por outro historiador.

Partindo do caso específico de Simão chegamos à constituição do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Santa Catarina e ao Laboratório de História Oral desta mesma Universidade. Duas iniciativas distintas, mas que se encontravam reunidas e cooperavam entre si. Dentro deste aspecto foi interessante perceber que os dois principais historiadores que aparecem como idealizadores deste empreendimento, Walter Fernando Piazza e Carlos Humberto Corrêa, tinham consciência da ousadia de sua iniciativa em propor o uso de tal metodologia, mas contraditoriamente este arrojo estava fundamentado em uma perspectiva histórica marcadamente tradicional. Neste sentido, havia dentro da expectativa destes pesquisadores o desejo de que fossem produzidas fontes verossímeis. Qualquer deturpação poderia no futuro trazer grandes prejuízos para a história que ainda seria escrita. Seguir a técnica e todas as suas diretrizes era considerado essencial e foi possível perceber dentro das próprias entrevistas recolhidas por Simão Willemann todos esses cuidados.

As fontes orais naquele momento, década de 1970, apesar de todas as suas especificidades, propiciaram aos historiadores a chance de abordar novos campos de pesquisa que antes não podiam ser atingidos pela escassez de material relacionado. E os testemunhos transcritos por Simão são importantes exemplos das novas possibilidades que foram abertas, mas também, da modificação que se deu dentro dos pressupostos da história oral desde sua ascensão até atualmente.

Por fim, cabe mais uma vez enfatizar o valor das fontes produzidas por Simão, que durante cerca três décadas permaneceram quase totalmente esquecidas. Tais fontes, aqui, proporcionaram a construção de um pequeno histórico da história oral em Santa Catarina, mas ainda podem ser objetos de tantos outros empreendimentos. Elas nos mostraram dessa maneira as possibilidades de pesquisa que as fontes orais feitas por outrem, em outro contexto e época, podem ainda oferecer para a historiografia.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Documentos

Entrevista concedida por Simão Willemann, 74 anos. Laguna, 03 de abril de 2012.

Referências

ALBERTI, V.. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2002.

CAMARGO, A. Apresentação da primeira edição. In: ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

CORRÊA, C. H. P. **História Oral: Teoria e Técnica**. Florianópolis: UFSC, 1978.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J.. **Usos & abusos da historia oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

FERREIRA, M. M. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, C.; VAINFAS, R.. (Org.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FRANK, R.. **Questões para as fontes do presente**. In: CHAVEAU, A.; TÈTARD, P.(Org.) *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

GONÇALVES, J. **Sombrios umbrais a transpor: Arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX**. Tese em História. São Paulo: USP, 2006.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo:n.10, p. 7-28, 1993.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

PIAZZA, W. F. Apresentação. In: CORRÊA, Carlos Humberto P. **História Oral: Teoria e Técnica**. Florianópolis: UFSC, 1978.

VOLDMAN, D. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.